

ÁSIA CENTRAL: A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DE UMA REGIÃO DESCONHECIDA

ASIA CENTRAL: LA IMPORTANCIA GEOESTRATÉGICA DE UNA REGIÓN DESCONECIDA

Jonathan Christian Dias dos Santos – UFRRJ

E-mail: jonathan_christian95@hotmail.com

RESUMO

Quando se fala em Ásia Central, é exígua a quantidade de materiais que retratem a região e sua memória. Em termos históricos e culturais, os territórios que integram a Ásia Central são de magnitudes elevadas quando observados a partir de um viés geoestratégico. Cercados por emergentes potências mundiais como China (a leste), Índia (ao sul) e Rússia (ao norte), os Estados centro-asiáticos no decorrer da história do período moderno se revela como uma área de muitos haveres que interessam tanto ao Ocidente, quanto ao Oriente. Neste artigo discutimos a dimensão geoestratégica desta zona do planeta, partindo de uma perspectiva da Geografia Política, com base em livros e artigos que possam contribuir para a melhor compreensão do tema.

Palavras-Chave: Ásia Central, Geografia Política, Geoestratégia, Geografia, Território

RESUMEN

Cuando se habla de Asia Central, es pequena la cantidad de materiales que retratan la región y su memoria. En términos históricos y culturales, los territorios que integran Asia Central son de magnitudes elevadas cuando se observan a partir de un punto de vista geoestratégico. Rodeados por emergentes potencias mundiales como China (al este), India (al sur) y Rusia (al norte), los Estados centro asiáticos a lo largo del período histórico moderno se revelan como un área con muchos bienes que interesan tanto al Occidente como al Oriente. En este artículo, nos proponemos a discutir la dimensión geoestratégica de esta zona del planeta, a partir de una perspectiva de la Geografía Política, con base em libros y artículos que puedan contribuir para una mejor comprensión del tema.

Palabras clave: Central Asia, Geografía política, Geoestrategia, Geografía, Territorio

1. Introdução

A Ásia Central é um vasto terreno localizado no cerne do continente asiático, como pode ser visto na figura 1, constituído por cinco países: Uzbequistão, Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tajiquistão¹. Perante ao Ocidente, é encarada como uma área de baixos índices sociais e de economia frágil, amparada quase sempre por organizações internacionais, tal como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Asiático de Desenvolvimento (BAD). Em termos históricos, é complexo definir uma origem para os habitantes da região. O interior da região possui uma pluralidade de paisagens e culturas, fruto de transformações e fluxos migratórios ao longo da área durante os séculos passados. Segundo Abazov, “A paisagem cultural e a distribuição populacional na Ásia Central variaram durante as diferentes eras históricas devido a várias razões, incluindo mudanças climáticas e atividades humanas”. (Abazov, 2008, p.20, tradução do autor)².

¹ Consideramos aqui a categoria de Ásia Central empregada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em <https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/> - Acesso em 27/01/2018

² “The cultural landscape and population distributions in Central Asia have varied during different historical eras due to several reasons, including climate changes and human actives” (Abazov, 2008, p.20)



Figura 1. Mapa político da Ásia Central.

Fonte: nationsonline.org. Disponível em: <
<http://www.nationsonline.org/oneworld/map/central-asia-map.htm>> - Acesso em:
10/04/2017

Estando fragmentada pelos importantes rios Amu Darya e Syr Darya, a variedade paisagística na área vai desde estepes, deserto, um importante vale - seis vezes maior que o estado estadunidense do Texas³ - e cadeias montanhosas. Segundo Gleason (1997, p.27) citado por Duarte (2014, p.82) “os primeiros habitantes da Ásia Central eram nômades, que se deslocaram do Norte e do Leste para o ocidente e para sul”. Estes povos com grande mobilidade territorial ao se acomodarem na região, se estabelecem as margens dos rios Amu Darya e Syr Darya, formando ali um dos três principais núcleos que subdividiram a Ásia Central (Abazov, 2008, p.28).

A contar de sua formação, a região jamais possuiu uma unidade política singular de origem própria e que fizesse a administração de toda a região, como afirma Abazov (2008, p.28). O histórico de invasões a região é extenso e

³ MURRAY, Craig. Diplomacia suja – As conturbadas aventuras de um embaixador beberrão, mulherengo e caçador de ditadores que, sem um pinga de arrependimento, se viu enclacrado na linha de frente da Guerra contra o Terror; tradução – Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.104.

contribuiu para tal situação. O histórico de invasões a região é extenso e contribuiu para tal situação. Desde invasões de povos Árabes, povos turcos, perpassando pela dominação do Império Mongol, que após a sua desintegração, uma parte, mais ao leste, incorporando o Vale do Fergana transforma-se no Império Chagtai, e as terras mais a oeste do vale foram conquistadas por Emir Timur, concebendo assim os territórios da Dinastia Timúrida. No final do século XIX, dois grandes impérios, o Russo e o Britânico, disputavam entre si a influência perante a região. Esta disputa ideológica ficou conhecido na historiografia como “O Grande jogo”. Com o êxito do Império Russo nesta batalha, a região permaneceu sob a sua esfera de influência até o seu fim, em 1917.

Com o episódio da revolução russa em 1917, intelectuais com visões panturquistas⁴ portavam uma idealização de suprimir as particularidades presentes na região por meio de governo único entre esses povos. Esta vasta região foi deliberada como uma união cultural e política dos povos que ali habitavam, chamada de Turquestão (‘Terra dos Turcos’). Apesar disso, os insurgentes do canato de Bukahra, decretado como um protetorado do Império Russo, declaram uma nova região, rival ao Turquestão e permaneceram em conflito com os bolcheviques até 1920. Após isso, a região se transfigurou como uma área autônoma dentro do bloco Soviético e por fim, em 1922, com a chegada de Stálin ao poder, e com medo de uma nova insurgência, semelhante à Revolta dos Basmachi⁵ (1916-1934), foi estabelecida uma fragmentação babélica⁶, onde os povos da região foram reprimidos com a

⁴ Panturquistas foram membros do movimento político conhecido como Panturquismo, que buscava a unificação de todos os povos turcos presentes no Império Russo, Império Otomano, China, Irã e Afeganistão.

⁵ A Revolta dos Basmachi foi um movimento, em sua grande maioria composto de muçulmanos tradicionalistas que lutavam contra o exército vermelho, sobre a liderança do comandante otomano Enver Pasha. (Roudik, 2007, p. 111)

⁶ MURRAY, Craig. Diplomacia suja – As conturbadas aventuras de um embaixador beberrão, mulherengo e caçador de ditadores que, sem um pinga de arrependimento, se viu encalacrado na linha de frente da Guerra contra o Terror; tradução – Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.105.

russificação⁷, tendo sua identidade cultural apagada, alteração no idioma e proibição de práticas religiosas.

O ano de 1991 foi letal para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Neste ano foi legitimado o fim da URSS, que expôs ao mundo 15 novas repúblicas, em sua grande maioria apresentando uma série de questões étnicas e fronteiriças, que antes ainda eram controladas no regime soviético. Durante o golpe de agosto do mesmo ano, que acelerou a dissolução da URSS, a Ásia Central e seus líderes, que chegaram a apoiar em um primeiro momento os linhas duras que ocupavam Moscou⁸, deram seus primeiros passos, ainda que confusos, para a sua independência e então conceber uma unidade política própria para a Ásia Central.

O propósito deste artigo é evidenciar a dimensão geoestratégica da Ásia Central, assim como tentar discorrer a sua importância dentro da lógica geopolítica mundial atual. Para isso, precisamos entender e revisar a área dentro de três perspectivas, que vão ramificar o presente artigo: A sua magnitude geoestratégica, tentando perceber e mostrar historicamente qual é o papel da região em uma lógica geopolítica; a geoestratégia soviética, desvendando a importância da Ásia Central dentro da lógica territorial e política durante o período soviético, e por fim, situar o contexto geoestratégico contemporâneo na região, exercidos por atores externos que emergiram pós-período soviético.

2. A magnitude geoestratégica

A área da Ásia Central sempre foi uma localidade de interesse geopolítico mundial, tanto por sua geoestratégia quanto pela sua potencialidade econômica. Para que possamos interpretar as práticas de

⁷Russificação foi uma prática do Império Russo e posteriormente da União Soviética de impor a cultura russa e seu idioma em suas áreas de domínios com povos não-russos.

⁸Watching The Soviet Coup From Central Asia. Radio Free Europe/ Radio Liberty. Disponível em: https://www.rferl.org/a/central_asia_soviet_coup_anniversary/24301711.html - Acesso 25/01/2018

poder aplicada a esta região ao longo do tempo, precisamos recorrer a Geografia Política, pois é ela que nos revela a interação intrínseca entre território e poder. Ainda que a Geoestratégia seja um campo diretamente associado à Geopolítica, ambas as esferas, Geografia Política e Geopolítica, se relacionam em diversos momentos.

Portanto, precisamos entender do que se trata a geoestratégia. A geoestratégia entende-se como um subcampo da geopolítica, onde se desenvolve “[...] um arcabouço teórico que explica como a geografia seria fundamental para definir a prática política dos Estados.” (Ebraico, 2005, p. 20).

E foi justamente um geoestrategista, o britânico Halford Mackinder (1861-1947), considerado o grande articulador da teoria do poder terrestre, que em 1904, atribuiu a esta área um conceito de “área pivô”, que posteriormente vai ser reconstruído e denominado como “Heartland”, sendo divulgado em 1919 no seu livro “Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction”, tido como o elemento basilar para gênese da teoria do poder terrestre (Mello, 1999, p.45), sendo demonstrado na figura 2, na página 6:



FIGURA 2. Indicação de “Área Pivô” e “Heartland” segundo Mackinder e as atuais repúblicas centro asiáticas. Fonte: SHARAPOVA, Sevara e MEGORAN, Nick. Mackinder’s “Heartland”: A

help or hindrance in understanding Central Asia's International Relations? Disponível em: <
<http://www.ca-c.org>> - Acesso em: 14/04/2017

Mackinder concebe este termo, pois compreende que o Estado que dominasse esta região teria um amplo suporte de expansão, uma vez que localizasse os diversos recursos da área e saídas para o mar, tornando-se um Estado com domínio terrestre e marítimo. Isto significaria que as ocorrências geopolíticas poderiam ser explicadas através da relação entre o “heartland” e os cinturões (Inner Crescent e Outer Crescent) que se configuravam ao seu entorno: “Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland; quem domina o Heartland controla a World Island; quem domina a World Island controla o mundo” (Mackinder, 1919 apud Mello, 1999, p.56), como pode ser visto na figura 3:



FIGURA 3. A “Área Pivô”, e os cinturões Inner Crescent e Outer Crescent. Fonte: H.J. Mackinder, ‘The Geographical Pivot of History’, The Geographical Journal, vol. 24, no. 4, 1904, p. 435. Disponível em: <http://www.exploringgeopolitics.org/mnb/wp-content/uploads/2015/01/map2_russia.gif>. Acesso em: 15/04/2017

Anterior as concepções teóricas de Mackinder, no século XX, o posicionamento geográfico da área já se mostrava como um atrativo e o motivo

principal para este interesse geopolítico. Tomaremos como exemplo a importância desta zona no período da chamada Rota da Seda, rota esta que fazia uma conexão terrestre entre os continentes asiático e europeu, é destacada por vários historiadores. A região, que abrigava muito dos viajantes da rota, era um dos principais pontos de interação entre os comerciantes do Oriente e do Ocidente. Neste período, alguns estados já haviam sido consolidados na Ásia Central, tais como Bactria, Sogdiana, Margiana (atual cidade de Merv, no Turcomenistão) e Corásmia (Abazov, 2008, p.33).

Um outro exemplo também pode ser visto séculos mais tarde, por volta de 1830, sobre uma outra configuração política, quando a região se encontra dividida em uma disputa diplomática entre o Império Britânico e o Império Russo. Enquanto os britânicos possuíam o domínio sobre o Raj britânico (áreas que hoje correspondem a Índia, Paquistão, Bangladesh e Mianmar), os russos com uma estratégia geopolítica definida, se preparavam para invadir e conquistar as cidades e canatos⁹ presentes na extinta Rota da Seda, além de já terem tomado cidades ao longo de todo o Cáucaso. Esse movimento de expansionismo russo pelas estepes, geraram a Londres um temor, que agora tinha um inimigo iminente as suas fronteiras¹⁰. Em 1865, segundo Hopkirk (1990, p.26), o Império Russo já havia conquistado Tashkent (atual capital do Uzbequistão), a maior e mais rica cidade da Ásia Central naquele período. Os britânicos então, em uma tentativa de dilatar suas influências sobre a região, ou uma diligência contra estratégia geopolítica, travaram duas conflagrações contra o Afeganistão, conhecida como a Primeira Guerra Anglo-Afegã (1839-1942) e a Segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-1880).

O resultado da primeira guerra não foi positivo para os britânicos, porém na segunda guerra, conseguiram o controle das relações exteriores, controle da fronteira ao sul do Afeganistão, além de um subsídio anual de 60,000

⁹ Elemento político administrado por um khan, o mesmo que um líder (ou governante) de determinado território.

¹⁰ Anglo-Afghan Wars. Disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/anglo-afghan-wars> - Acesso em: 25/01/2018

rupias, por meio do Tratado de Gandamak ratificado em maio de 1879. Este estado de “tensão” entre os dois impérios perdurou até a geração da Entente anglo-russa, um tratado assinado em 1907, no qual um dos pontos tratados era o reconhecimento da influência Britânica no Afeganistão por parte do Império Russo, estabelecendo então um espaço de influência para cada Império¹¹.

O espaço é uma categoria distinta e anterior ao território, Santos (2006, p.12) o define “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. ” Dentro de um determinado espaço, são variadas as formas de relações e interações que ali se configuram e determinam a formação de um território.

A concepção do que é território, se apresenta como algo complexo. Uma definição mais simplória de território pode ser considerada como “extensão considerável de terra” ou “Base geográfica do Estado (solo, rios, lagos, baías, portos, etc) sobre qual ele exerce sua soberania. ” (Ferreira, 2001, p.670). Etimologicamente, a palavra território advém do termo latim territorium, que significa “terra”¹². Segundo Haesbaert (2014, p.40) são existentes “três vertentes básicas” sobre a concepção de território na Geografia e elas são: política, cultural e econômica.

O território é fluído, e por isso sua acepção sofre variações de acordo com noção que ele é aplicado e concebido. Existe a concepção de território para os povos tradicionais, para os povos indígenas, para o cidadão que vive nos campos, para o chamado cidadão cosmopolita, em uma lógica econômica-empresarial, e assim por diante.

Tanto o Império Russo, o Império Britânico, e Mackinder, enxergavam os territórios que formavam a gênese da Ásia Central por um panorama político. Na visão destes três elementos, o território é entendido por aquilo que Haesbaert (2014) chama de território-zona. Os territórios de forma zonal,

¹¹Anglo-Russian Entente. Encyclopædia Britannica. Disponível em:
<https://www.britannica.com/event/Anglo-Russian-Entente> – Acesso em: 25/01/2018

¹² Rezende, Antônio Martinez de, Bianchet, Braga Sandra. Dicionário do latim essencial. 2. ed.rev. e ampl. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.p. 2026

seriam delimitados, estáticos, com um determinado controle, definindo a partir dos seus limites sempre claros e estabelecidos, quem está dentro e quem está fora dentro do território. Haesbaert (2014, p.306). É evidente que o que se diligenciava nas três visões, seria uma relação de território e de espaço x poder.

O poder se manifesta através das relações e comandos para a formação de um território. O poder é amplificado a partir das relações sociais, onde encontra-se o privilegiado e o desprivilegiado. Segundo Foucault (2009, p.242) “o exercício do poder não é simplesmente uma relação entre “parceiros” individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros”.

3. A geoestratégia soviética

Com a chegada dos bolcheviques ao poder, em 1917, a perpetuação do poder sobre todo o território soviético foi mais rígida. A região se estabeleceu como um centro de produção importante aos Soviéticos. Os territórios que foram dominados durante o Império Russo e posteriormente tornaram-se republicas soviéticas possuíam riquezas minerais e naturais (Abazov, 2008, p.24). Além de fornecer algodão, frutas, legumes, petróleo, gás e energia elétrica para todo o restante da União Soviética, a região possuía um significado ainda mais importante para a geoestratégia Soviética. As vastas estepes, permitiam ao exército vermelho um campo de testes para bombas nucleares, na qual estima-se que 456 testes nucleares tenham sido realizados no campo de Semipalatinsk, localizado na República Socialista Soviética do Cazaque (atual Cazaquistão) (Norris, Cochran, 1996, p. 2). Além disso, também tiveram a possibilidade de construir o Cosmódromo de Baikonur. A primeira base lançadora de foguetes do mundo. Também estrategicamente

localizada no Cazaquistão, devido a sua proximidade com a linha do Equador, o que reduz os custos operacionais em uma missão espacial.¹³

A geoestratégia soviética deixou marcas na sociedade da Ásia Central. Como afirma Gorender (1992, p.37) “Os burocratas do Gosplan¹⁴ ou dos ministérios podiam aprovar e impor a execução de obras que a imprensa soviética chamava de “projetos do século”. O desastre ecológico do Mar Aral foi um desses projetos do século. O Mar Aral era o 4º maior lago do mundo, e após exaustivas formas agressivas de extração de água para a irrigação de cultivo de algodão, as populações das cidades próximas ao mar se viram diante de um lago seco, e jamais poderiam exercer suas funções, como a da pesca, por exemplo. Este desastre trouxe à tona, anos depois, um grande problema de escala social¹⁵.

Em termos militares, os soviéticos tinham a exata dimensão do valor que a região possuía. As últimas fronteiras da URSS, ao sul, se localizavam na região. Ao mesmo tempo em que a região guardava consigo grandes volumes de riquezas mineiras (gás, petróleo), o que deu aos soviéticos uma grande quantidade de reservas em relação a muitos outros países do bloco ocidental, os seus vizinhos viviam em clima hostil. A República Socialista Soviética Uzbeque (atual Uzbequistão) serviu, inclusive, de sustentáculo para a invasão Soviética ao Afeganistão, em 1979.¹⁶

¹³Cosmódromo de Baikonur é a maior base de lançamentos de foguetes do mundo. Sputnik News. Disponível em: https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/2014_01_22/Cosmodromo-de-Baikonur-a-maior-base-de-lancamentos-de-foguetes-do-mundo-7978/ - Acesso em: 25/01/2018

¹⁴Gosplan era o comitê de planejamento estatal da antiga URSS. Foi responsável pela elaboração de planejamentos em caráter social e econômico a longo prazo para o país, e o controle sobre esses planejamentos.

¹⁵A plantação de algodão que fez Mar de Aral virar deserto. BBC Brasil. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150226_mar_aral_gch_lab - Acesso em: 25/01/2018

¹⁶The Soviet Invasion of Afghanistan in 1979: Failure of Intelligence or of the Policy Process? Disponível em: https://web.archive.org/web/20060722123446/http://www12.georgetown.edu/sfs/isd/Afghan_1_WR_group.pdf - Acesso em: 25/01/2018

Em 1985, com a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder central do Partido Comunista da União Soviética (PUCS), conduziu consigo uma ideia de regeneração em esferas social e econômica. A perestroika e a glasnost, como eram chamados os projetos propostos por Gorbachev, “se concentram num conjunto de propostas pragmáticas, que invertiam a rotina dominante há mais de meio século” (Gorender, 1990, p.45). Este chamado cenário dominante explicitado pelo autor, pode ser entendido como a inércia do desenvolvimento econômico extensivo (Gorbachev, 1987, p.19). Esta alcunha de inércia do desenvolvimento, possui inferências a visões monocromáticas e burocráticas dos principais setores do governo soviético. Para Gorbachev (1987, p.35), “a perestroika significa vencer o processo de estagnação, dominar o mecanismo paralisante, criar um sistema eficaz e seguro para acelerar o progresso social e econômico”.

A manutenção e reformulação da economia soviética não era a única base a ser assistida. Neste mesmo período, a sociedade soviética convivia com uma série de hostilidades internas. A diversidade étnica dentro da União Soviética é um componente auferido desde os tempos de Rússia Czarista. Durante o período soviético, se manteve em maior parte do tempo sobre o controle dos regimes que comandavam o país, entretanto, no final da década de 80 e começo da década de 90, começaram a estourar diversos conflitos interétnicos. A disputa no seu próprio interior, tais como as revoltas de 1990, em Dushanbe, capital da República Socialista Soviética Tajique, e o conflito entre Armênios e Azeris em torno de Nagorno-Karabakh, colocavam em risco uma geoestratégia da hegemonia central.

Todas essas causas contribuíram para a dissolução da União Soviética, em 1991, o que trouxe ao tabuleiro geopolítico uma nova perspectiva. Agora, existiam 15 novos Estados, cada qual possuía uma particularidade própria e deveriam se ajustar ao modelo de Estado capitalista. Da mesma forma, o Ocidente (em particular os Estados Unidos e o bloco Europeu) também precisavam se adequar a esta nova realidade. Suas manobras geoestratégicas

a partir deste momento, estariam voltadas para uma formulação de influências sobre um novo espaço.

4. A Geoestratégia contemporânea

Com o final da Guerra Fria, o ocidente não tinha mais o inimigo que criaram e fomentaram por profusos anos. Os anos seguintes, em boa parte das antigas repúblicas soviéticas, foram marcados por conflitos. Foi complexo para esses recentes Estados se estabelecerem como um Estado-Nação, pois “as comunidades étnicas que eram forçadas a co-existir sob a bandeira internacionalista do socialismo encontram agora a liberdade para retomar antigas rixas”. (Geary, 2005, p.13).

A ideia de Estado-Nação parte do desenvolvimento deste senso de unidade de paridade, de organização do coletivo em torno da ideia de um pertencimento a uma coletividade, onde uma sociedade, em uma escala mais ampla, possui ideia de que determinados elementos em comum os unem. Embora a concepção de Nação, seja uma compreensão que se manifesta em um tempo histórico muito recentemente, como aponta Hobsbawn (1990, p.19), o sentimento desta noção de identidade nacional, em alguns casos, antecede a criação do Estado territorial. Precisamos lembrar que todo o território que constituiu a URSS, era um verdadeiro caldeirão étnico¹⁷, e a unidade política comum que os mantinham interligado, agora já não existia mais, causando um vázio político. Na Rússia, Yeltsin travava uma contra insurgência a Chechênia de Djokhar Dudaiev. No Tajiquistão, se instaurou uma guerra civil entre os antigos líderes soviéticos locais e os fundamentalistas islâmicos, pelo poder do país. No Cáucaso¹⁸ uma outra série de conflitos também foram registrados naquele período.

¹⁷Opposition cries fouls in Azerbaijan election. The Hour, 1991. Disponível em <https://news.google.com/newspapers?nid=1916&dat=19910909&id=qnYfAAAAIBAJ&sjid=jnYFAAAAIBAJ&pg=1130,787209&hl=pt-BR> – Acesso em: 26/01/2018

¹⁸Shevardnadze leads troubled Georgia. The Item, 1992. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?nid=1980&dat=19920824&id=H1luAAAAIBAJ&sjid=2NkFAAAAIBAJ&pg=3658,6394571&hl=pt-BR> – Acesso em: 26/01/2018

Esses conflitos além de englobar ligações nacionalistas, também estavam diretamente conectados a questões econômicas. Na Chechênia, por exemplo, existiam tubulações de gás e óleo vitais ao púbere governo russo, que passavam pelo território checheno, além de rotas para se chegar ao mar Negro e Cáspio, que possuem grandes reservas de gás²⁰. Na Ásia Central, Moscou manteve o interesse em promover uma estabilidade na região. A área, para Moscou, significava uma zona do Mundo em que poderia se manter uma órbita de influência, uma vez que as relações entre Rússia e os recentes estados centro-asiáticos já eram pré-estabelecidas, principalmente através de organizações supranacionais, como a Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

Com a invasão estadunidense ao Afeganistão, em outubro de 2001, a região passa a fazer parte de uma geoestratégia que estaria totalmente operacional a chamada “Guerra ao Terror” e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Nos anos seguintes, países como o Uzbequistão, Turcomenistão e o Quirquistão, devido a sua proximidade com o Afeganistão, serviram e/ou forneceram bases para trânsito de tropas. O acordo era concluído, com uma destreza dos governos Ocidentais sobre as diversas denúncias de violação de direitos humanos, praticados pelos governos totalitários instaurados nos países, após o colapso de 1991 ou até mesmo através de compensações financeiras²¹.

Neste período, a esfera de influência ocidental na Ásia Central se afastou por um determinado instante. A atuação russa na região, que ainda mantinha bases em alguns países com o Tajiquistão e Cazaquistão, vivia agora um novo “o grande jogo”, em que o adversário cada vez mais se aproximava de

¹⁹10 killed in unrest in ex-Soviet republics. Toledo Blade, 1992. Disponível em <https://news.google.com/newspapers?nid=1350&dat=19920719&id=DQ8wAAAAIAAJ&sjid=TwMEAAAAIAAJ&pg=4144,4909471&hl=pt-BR> - Acesso em: 26/01/2018

²⁰First Chechnya War - 1994-1996. Global Security.org. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/war/chechnya1.htm> – Acesso em: 26/01/2018

²¹ US gets deal on Kyrgyz air base. BBC News, 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/4332234.stm> – Acesso em: 26/01/2018

suas fronteiras. Contudo, a partir de 2005 uma deterioração entre os governantes ocidentais e centro-asiáticos começam a surgir. Em março de 2005, uma série de protestos em Andijan, na porção oriental do Uzbequistão, foi seriamente reprimida pelo governo de Islam Karimov (1938-2016). As duras críticas vindas de Washington, deixaram abaladas as relações entre as nações, que forçou a saída do contingente estadunidense da base aérea de Karshi-Khanabad. No Quirguistão, ainda que tenham tentado até mesmo a instalação de um Sistema Aéreo de Alerta e Controle²², acabaram se retirando da base aérea de Manas em 2014, após um acordo realizado em 2012.

Ainda que a presença estadunidense e do bloco Europeu tenha permanecido de forma mais efetiva na região por algum tempo, séries de acontecimentos tais como os citados acima, provocaram mais uma mudança na importância geoestratégica da região. Hoje, os governos dos cinco países são mais alinhados a Moscou, Pequim, Nova Deli e Istambul. Tanto Moscou, quanto Pequim enxergam na região uma zona de escoamento comercial entre Oriente e Ocidente. Para tal, a China tem investido uma quantia significativa de seu orçamento para a construção de ferrovias e rodovias.²³²⁴ Em termo de recurso, a China visando o seu mercado interno, investe na construção de vários gasodutos pela região, como pode ser visualizado na figura 4, levando a produção diretamente para o seu território e atendendo a sua própria demanda.

²²Kyrgyzstan's Refusal to Allow US AWACS 'One of the Reasons' of Tulip Revolution. Sputnik, 2016. Disponível em <https://sputniknews.com/asia/20160916/1045356341/kyrgyzstan-us-awacs-caused-tulip-revolution.html?> – Acesso em: 26/01/2018

²³China developing railway corridor in Turkmenistan. Trend News Agency, 2016. Disponível em <https://en.trend.az/business/economy/2671265.html> – Acesso em: 26/01/2018

²⁴Int'l cargo route from Kyrgyz capital to China opens. Xihuatnet.com, 2017. Disponível em http://www.xinhuanet.com/english/2017-01/10/c_135971184.htm – Acesso em: 26/01/2018



FIGURA 4. Infraestrutura energética da Ásia Central. Fonte: Natalia Mikhaylenko. Disponível em: <<http://www.russia-direct.org/analysis/china-russia-and-new-great-game-central-asia>>. Acesso em: 26/01/2018

Tal como Pequim, Nova Deli também mantém laços importantes com a região. Para a geoestratégia indiana, a Ásia Central possui um papel interessante. A Índia hoje se encontra em um projeto juntamente com o Turcomenistão, o chamado TAPI pipeline, que promete levar o gás do Turcomeno ao Afeganistão, Paquistão e Índia. Também aparece como um grande exportador de ouro das minas presentes no território do Quirguistão²⁵. Além disso, compartilha a operação da base aérea de Farkhor com o exército do Tadjiquistão, em solo tadjique.

Moscou possui grandes interesses na região. Para a geoestratégia russa, a região é vista como um concorrente direto na distribuição de gás e petróleo. Ainda que muitas reservas em países como Uzbequistão e Cazaquistão sejam extraídas por empresas estrangeiras, a sua distribuição seria um problema para os negócios de Moscou, uma vez que os compradores europeus não dependeriam única e exclusivamente do gás russo, sido esse um

²⁵Centerra: Kyrgyzstan Gold Play. Seekingalpha.com,2016. Disponível em <https://seekingalpha.com/article/3987000-centerra-kyrgyzstan-gold-play> – Acesso em: 26/01/2018

dos principais trunfos de Putin durante a crise com a Ucrânia e a União Europeia.²⁶ Para tal, o governo moscovita, boicou de forma incessante as mais variadas ofensivas feitas por governos ocidentais aos governos da Ásia Central, em especial ao governo de Ashgabat, já que o Turcomenistão possui a quarta maior reserva e o segundo maior campo de exploração de gás natural do mundo, se tornando o principal produtor do recurso na região²⁷. Ainda que recentemente Turcomenistão, Cazaquistão e Rússia tenham assinado um acordo para a construção conjunta de um gasoduto que corte o mar Cáspio, o monopólio russo sobre as fontes de hidrocarbonetos dificilmente sofrerá alguma perda. Além disso, a Gazprom, a maior empresa de energia russa, possui na Ásia Central diversos fornecedores para suprir a sua necessidade, inclusive tendo comprado em 2013, a empresa estatal de gás do Quirguistão, Kyrgyzgas. Por fim, as nações centro-asiáticas são de extrema importância para a União Econômica Eurasiática, que visam uma integração dos mercados, bem como o livre comércio e de trânsito entre os países da chamada Eurásia. Somado a isso, ainda possuem duas bases, em dois diferentes países na região, ocupando o espaço deixado pelos estadunidenses no Quirguistão, e uma base no Tajiquistão, desde 1992.

Para que consigam manter essa influência e que o jogo ocorra conforme os seus planos, China e Rússia depreendem bilhões em acordos, empréstimos e suportes a projetos na Ásia Central, bem como apoio militar²⁸, já que os países possuem historicamente tensões étnicas. Por vezes, essas tensões étnicas culminam em confrontos diretos como os que ocorreram em 1990, no Tajiquistão, ou mais recentemente, no sul do Quirguistão, em 2010.

Ademais, o interesse em fortalecer militarmente seus parceiros provém da existência de movimentos separatistas e grupos terroristas, como o

²⁶ Putin ameaça reduzir fornecimento de gás a Ucrânia e Europa. O Globo, 2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/putin-ameaca-reduzir-fornecimento-de-gas-ucrania-europa-12152817> – Acesso em 26/01/2018

²⁷Turkmenistan remains key natural gasholder in Central Asia. Azernews, 2017. Disponível em <https://www.azernews.az/region/119176.html> – Acesso em 26/01/2018

²⁸Russia Offers to Support Tajikistan...But There's a Price The Diplomat, 2015. Disponível em <https://thediplomat.com/2015/10/russia-supports-tajikistan-for-a-price/> - Acesso em: 26/01/2018

Movimento Islâmico Uzbeque, Estado Islâmico e Talibã²⁹³⁰, no vizinho Afeganistão, que a todo momento promove incursões nas fronteiras dos parceiros dos Chineses e Russos. Caso o domínio desses grupos se efetivasse, seria estabelecido um cenário de caos e fora de controle, gerando uma instabilidade política, que atrapalharia os negócios e investimentos para ambos os lados.

5. Considerações Finais

O que se observa a partir do cenário apresentado neste trabalho, é que a Ásia Central possui uma dimensão histórica, cultural e econômica de grande valia. Historicamente a região sempre esteve sob o domínio de grandes impérios e dinastias (Império Sassânida, Mongol e Seljuksl, dinastia Karakhanid), justamente por entenderem, ainda no século III, a importância da área para os desdobramentos de rotas para o comércio, como a Rota da Seda. As trocas desenvolvidas na região ao longo dos séculos, permitiram por um lado a sua pluralidade cultural, o que acabou por distender o desenvolvimento de abundantes monumentos históricos preservados até os dias atuais em cidades que outrora, se conceberam como os principais centros urbanos comerciais durante os séculos passados.

Por outro lado, a dimensão estratégica da região trouxe consigo o fardo da dominação e colonização, reforçado a cada domínio e exercido até o começo dos anos 1990, o que é algo extremamente recente, quando pensado em um período histórico. A relações de poder, hoje se apresentam de forma muito mais sofisticadas e apuradas. O que remotamente era feito através do domínio exclusivamente violento do território, atualmente é exercido pelos

²⁹The Taliban Offensive South Of Turkmenistan. Radio Free Europe / Radio Liberty, 2016. Disponível em <https://www.rferl.org/a/afghanistan-turkmenistan-taliban-offensive/27777207.html> – Acesso em: 26/01/2018

³⁰Tajikistan Under Attack From Taliban and Daesh Forces. Stratfort, 2017. Disponível em <https://worldview.stratfor.com/article/tajikistan-under-attack-taliban-and-daesh-forces> – Acesso em: 26/01/2018

mercados e por estratégias geopolíticas que estão intrinsecamente ligadas entre o poder x território.

Hoje, a Organização de Cooperação de Xangai, composta por Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Rússia, China, Índia e Paquistão, se apresentam como a maior organização política do mundo e atuam na região. Consigo levam não somente os maiores países por extensão e população do mundo, mas também o entendimento de que a sua integração é vital para os planos de uma independência do Ocidente. China com o seu plano de remontar uma rota da seda contemporânea e Rússia com a sua União Eurasiática, possuem talvez, o maior plano geoestratégico para a Ásia Central e Eurásia que se tenha notícia. Enquanto União Europeia e Estados Unidos exigem ou trabalham para a alteração de regimes que não seguem a sua cartilha, como as revoluções coloridas ocorridas na primeira década do ano 2000, os chineses e russos trabalham para fortalecer seus investimentos, sua presença militar e sua esfera de influência numa zona do globo em que se encontram grandes recursos naturais e um grande fluxo de comércio. O território é a base material dos conflitos, mas China e Rússia não desejam esses conflitos. Não desejam, pois, é neste território, que ambas vão amplificar as suas ações de poder e perpetuar, em dimensões geográficas, as ações políticas.

Ainda que insistam em um momento atual, onde cada país da Ásia Central tenham encontrado (ou venham tentando encontrar) a sua unidade política e a sua independência no pós-Guerra Fria, a indagação que devemos nos ater é: Mas, de fato, essa unidade política conquistada no pós-guerra se consolidou ao longo dos anos, ou a cada ano que passa a região (e os governantes no poder central de cada nação) se insere cada vez mais em uma nova lógica colonialista das potências do século XXI, criando assim um novo ciclo de dominação para a área?

6. Referências Bibliográficas

ABAZOV, Rafis. The Palgrave concise historical atlas of central Asia. Palgrave Macmillan: Nova Iorque, 2008

DUARTE, Paulo. Ásia Central: a geopolítica do centro do mundo. Revista de Geopolítica, v. 5, nº 2, p. 79-96, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/111>> Acesso em: 28/03/2017

EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça. As Opções de Geopolítica Americana: O Caso do Golfo Pérsico. 2005. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

ESCOBAR, Pepe. Ocidente não sabe nem do cheiro do que a Eurásia está cozinhando. Disponível em: <https://www.carosamigos.com.br/index.php/internacional/10213-ocidente-nao-sabe-nem-do-cheiro-do-que-a-eurasia-esta-cozinhando> – Acesso em 26/01/2018

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. MICHEL FOUCAULT. Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª. Edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Introdução: Traduzida por Antonio Cavalcanti Maia. Revisão técnica de Vera Portocarrero. Coleção Biblioteca de Filosofia. Coordenação editorial: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GEARY, Patrick J. O mito das Nações: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GORBACHEV, Mikhail. Novas ideias para o meu país e o mundo. São Paulo, 1987.

GORENDER, Jacob. O fim da URSS: Origens e fracasso da perestroika. São Paulo: Atual,1992.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9 n.º 17, p.19-45, 2007. Disponível em:<<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/213>> Acesso em: 11/11/2017

HOBBSBAWN, Eric J. Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOPKIRK, Peter. The Great Game On Secret Service in High Asia. John Murray(Publishers): Londres, 1990

MACKINDER, H.J. ‘The Geographical Pivot of History’, The Geographical Journal, vol. 24, no. 4, 1904, p. 435.

Comentado [A1]: Está fora da ordem alfabética.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem medo da geopolítica? São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

MIKHAYLENKO Natalia. Energy infrastructure in Central Asia. Disponível em: <<http://www.russia-direct.org/analysis/china-russia-and-new-great-game-central-asia>>. Acesso em: 26/01/2018

NORRIS, R.S. e COCHRAN, T.B. Cochran, "Nuclear Weapons Tests and Peaceful Nuclear Explosions by the Soviet Union: August 29, 1949 to October 24, 1990," Natural Resource Defense Council, October 1996.

ROUDIK, Peter. The History of the Central Asian Republics. – Westport: Greenwood Press, 2007

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHARAPOVA, Sevara e MEGORAN, Nick. Mackinder's "Heartland": A help or hindrance in understanding Central Asia's International Relations? Disponível em: < <http://www.ca-c.org> > - Acesso em: 14/04/2017